



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MARIA AUXILIADORA DE LISBOA OLIVEIRA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: ITINERÁRIOS DE VIDA PESSOAL E  
PROFISSIONAL DE UMA EDUCADORA DO CAMPO**

MOSSORÓ – RN

2023

MARIA AUXILIADORA DE LISBOA OLIVEIRA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: ITINERÁRIOS DE VIDA PESSOAL E  
PROFISSIONAL DE UMA EDUCADORA DO CAMPO**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros.

MOSSORÓ – RN

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

048m     Oliveira, Maria Auxiliadora de Lisboa.  
            Memorial de Formação: itinerários de vida  
            pessoal e profissional de uma educadora do campo  
            / Maria Auxiliadora de Lisboa Oliveira. - 2023.  
            40 f. : il.

            Orientador: Emerson Augusto de Medeiros.  
            Monografia (graduação) - Universidade Federal  
            Rural do Semi-árido, Curso de Educação do Campo,  
            2023.

            1. Formação de Professores. 2. Educação do  
            Campo. 3. Memorial de Formação. 4. Experiência. I.  
            Medeiros, Emerson Augusto de, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade  
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência  
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva  
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

MARIA AUXILIADORA DE LISBOA OLIVEIRA

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: ITINERÁRIOS DE VIDA PESSOAL E  
PROFISSIONAL DE UMA EDUCADORA DO CAMPO**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais.

Defendida em: 24 / 03 / 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros (UFERSA)  
Presidente

---

Prof.a Ma. Nuzia Roberta Lima (UNP)  
Membro Examinador

---

Prof. Esp. Antonio Anderson Brito do Nascimento  
Membro Examinador (UFERSA)

*A Minha família, por ser porto de apoio e força na  
vida.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado a oportunidade de estar finalizando a graduação com saúde e determinação para superar todas as dificuldades e conseguir chegar mais longe. Agradeço também pelos livramentos enquanto fazia o trajeto de casa para a universidade. A Deus toda a honra.

Agradeço, de forma especial, aos meus filhos, são eles: Allan Lisboa, Alana Lisboa e Sara Lisboa. Minha gratidão se dá pela compreensão de tantas vezes eu estar ausente de casa, pela força que me passaram quando muitas vezes eu pensei em desistir.

Agradeço ao meu pai e aos meus irmãos que estiveram do início ao fim da graduação me dando apoio.

Agradeço, de todo o coração, ao meu orientador, Professor Dr. Emerson Medeiros, pela paciência, dedicação e ensinamentos, pelo ser humano incrível que és. Não poderia deixar de procurá-lo para me orientar, pois foi com a ajuda de Deus que nos momentos difíceis durante a graduação me mostrou que os sonhos têm que ser realizados. Mesmo sendo difícil, também possibilitou a realização deste trabalho. Obrigada por toda disponibilidade e compreensão durante todos os momentos de construção deste trabalho.

Agradeço aos meus colegas de curso que estiveram acompanhando de perto as minhas limitações e me entendiam.

Não poderia deixar de agradecer aos queridos Professores, Dr. Francisco Souto e a Ma. Nuzia Lima, que acompanharam meus estágios, uma das melhores etapas da graduação. Muito obrigada!

Agradeço à banca examinadora do trabalho, Prof.a Ma. Nuzia Lima e Prof. Esp. Anderson Nascimento.

Agradeço à Coordenação do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo (LEDOC) e aos docentes que compõem o curso, profissionais que desenvolvem funções para além da sala de aula. Sempre estão dispostos a ajudar e a colaborar no desenvolvimento de bons profissionais da Educação Básica.

O memorial de formação é um processo resultante da rememoração com reflexão sobre fatos relatados, oralmente e/ou por escrito, mediante uma narrativa de vida, cuja trama (enredo) faça sentido para o sujeito da narração, com a intenção, desde que haja sempre uma intencionalidade, de clarificar e ressignificar aspectos, dimensões e momentos da própria formação.

Maria Helena Abrahão

## RESUMO

Este trabalho se constitui como um registro acadêmico de natureza autobiográfica. Foi tecido considerando a trajetória de vida de uma educadora do campo, seus itinerários de formação pessoal e profissional. Desse modo, definiu-se como objetivo geral “refletir sobre a trajetória de vida dos professores da educação do campo, por meio do memorial de formação, de uma educadora do campo”. O exercício de refletir sobre a história de vida, conforme Nóvoa (1995), é um importante dispositivo na formação docente, quer na Educação Básica, quer no Ensino Superior. Ao passo da construção da narrativa autobiográfica, o sujeito narrador toma consciência dos fatos e acontecimentos vividos, se reconhecendo como autor social e produtor de sua história. Em termos de objetivos específicos, elencam-se: a) desenvolver uma narrativa autobiográfica, por meio do memorial de formação, de uma educadora do campo, com destaque para os principais acontecimentos pessoais e profissionais vividos ao longo de sua trajetória de vida; e b) pensar, por meio do memorial de formação, sobre o percurso de formação pessoal e profissional de uma educadora do campo na Educação Básica e no Ensino Superior, com ênfase para a sua constituição identitária. O estudo se ancora na abordagem qualitativa, na pesquisa (auto) biográfica, com relevo para o memorial de formação. A autobiografia é a tecitura escolhida para o desenvolvimento do estudo. A pesquisa se sustenta em autores do campo da formação de professores e da educação do campo, sendo os principais: Nóvoa (1995), Arroyo (1999), Josso (2010), Tardif (2011) e Caldart (2012). Como considerações, pontuam-se que a trajetória de vida da educadora foi marcada por momentos de desafios e tensões que a fizeram, algumas vezes, adiar seus processos formativos para tornar-se professora, o que se entende acontecer como sujeitos oriundos do campo. No entanto, o apoio familiar e o processo de formação na Educação Básica no campo foram fundamentais para a continuidade dos estudos.

**Palavras-chave:** Formação de Professores. Educação do Campo. Memorial de Formação. Experiência.

## ABSTRACT

This work constitutes an academic record of an autobiographical nature. It was woven considering the life trajectory of a rural educator, her personal and professional training itineraries. Thus, the general objective was defined as “reflecting on the life trajectory of rural education teachers, through the training memorial of a rural educator”. The exercise of reflecting on the life story, according to Nóvoa (1995), is an important device in teacher training, both in Basic Education and in Higher Education. While building the autobiographical narrative, the narrator becomes aware of the facts and events experienced, recognizing himself as a social author and producer of his story. In terms of specific objectives, the following are listed: a) to develop an autobiographical narrative, through the training memorial, of a rural educator, highlighting the main personal and professional events experienced throughout her life trajectory; and b) think, through the training memorial, about the personal and professional training path of a rural educator in Basic Education and Higher Education, with emphasis on her identity constitution. The study is based on a qualitative approach, on (auto) biographical research, with emphasis on the training memorial. The autobiography is the fabric chosen for the development of the study. The research is based on authors from the field of teacher training and rural education, the main ones being: Nóvoa (1995), Arroyo (1999), Josso (2010), Tardif (2011) and Caldart (2012). As considerations, it is pointed out that the educator's life trajectory was marked by moments of challenges and tensions that sometimes made her postpone her formative processes to become a teacher, which is understood to happen to subjects from the countryside. However, family support and the training process in Basic Education in the countryside were fundamental for the continuity of studies.

**Keywords:** Teacher training. Field Education. Formation Memorial. Experience.

## LISTA DE FIGURAS

|           |                                                      |    |
|-----------|------------------------------------------------------|----|
| Figura 1  | – Meus primeiros anos de vida.....                   | 16 |
| Figura 2  | – Minha primeira professora (Professora Dacira)..... | 20 |
| Figura 3  | – Meus pais.....                                     | 21 |
| Figura 4  | – Festa da Rainha do Milho no mês junino.....        | 24 |
| Figura 5  | – Festa da quadrilha junina na escola .....          | 25 |
| Figura 6  | – Desfile cívico na escola.....                      | 26 |
| Figura 7  | – Ala da ginástica no desfile cívico.....            | 27 |
| Figura 8  | – Casamento.....                                     | 28 |
| Figura 9  | – Monitoria na Creche Escolar.....                   | 29 |
| Figura 10 | – Colação de Grau dos estudantes da Creche.....      | 29 |
| Figura 11 | – Conclusão do Ensino Médio.....                     | 31 |
| Figura 12 | – Formação Inicial na LEDOC/UFERSA.....              | 35 |
| Figura 13 | – Aulas de campo na LEDOC/UFERSA.....                | 36 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|        |                                                                 |
|--------|-----------------------------------------------------------------|
| ENEM   | Exame Nacional do Ensino Médio                                  |
| ENERA  | Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária |
| LEDOC  | Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo              |
| MST    | Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra                    |
| RN     | Rio Grande do Norte                                             |
| TCC    | Trabalho de Conclusão de Curso                                  |
| UFERSA | Universidade Federal Rural do Semi-Árido                        |

## SUMÁRIO

|            |                                                                                                                                |           |
|------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                        | <b>11</b> |
| <b>2</b>   | <b>EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DE EDUCADORES E EDUCADORAS.....</b>                                                            | <b>14</b> |
| <b>2.1</b> | <b>Educação do Campo – um conceito em construção.....</b>                                                                      | <b>14</b> |
| <b>2.2</b> | <b>A experiência como fundamento na formação de educadores e educadoras do campo.....</b>                                      | <b>15</b> |
| <b>2.3</b> | <b>O memorial de formação como dispositivo metodológico.....</b>                                                               | <b>16</b> |
| <b>3</b>   | <b>ITINERÂNCIAS DE UMA EDUCADORA EM FORMAÇÃO – NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA SOBRE A VIDA PESSOAL E A ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA.....</b> | <b>18</b> |
| <b>3.1</b> | <b>Fios de uma narrativa autobiográfica – como tudo começou.....</b>                                                           | <b>18</b> |
| <b>3.2</b> | <b>Tudo novo! Lembranças de um novo tempo (escola, casamento e trabalho).....</b>                                              | <b>27</b> |
| <b>4</b>   | <b>O PERCURSO NA UNIVERSIDADE: TORNAR-ME PROFESSORA..</b>                                                                      | <b>33</b> |
| <b>4.1</b> | <b>Ingressar na UFERSA – um sonho.....</b>                                                                                     | <b>33</b> |
| <b>4.2</b> | <b>A formação docente – a experiência na LEDOC/UFERSA.....</b>                                                                 | <b>34</b> |
| <b>5</b>   | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                              | <b>37</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                                       | <b>39</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Sou Maria Auxiliadora de Lisboa Oliveira, filha de pessoas simples que viveram a totalidade de suas vidas no campo. Meu pai é agricultor, minha mãe (*in memoriam*) foi professora, agricultora e dona de casa. Desde meu nascimento, vivo no campo. O campo embalou minha trajetória de vida, minha formação, minha constituição identitária. No campo, nasci e cresci<sup>1</sup>.

Após apresentar essas breves considerações sobre quem sou, pontuo ainda que sou discente do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (LEDOC/UFERSA). Ingressei no curso no ano de 2014. São quase nove anos de estudos. Chegar ao momento final de conclusão me remeteu a muitas dúvidas, entre elas, o que pesquisar ou sobre o que escrever no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Essas dúvidas foram aclaradas pelas leituras e orientações que vivi nos últimos semestres de formação. A princípio, pensei em pesquisar sobre o empoderamento feminino na comunidade rural do Jucuri, Mossoró, Rio Grande do Norte (RN), espaço em que vivo. O tema me despertou interesse pela minha própria condição de ser mulher e mãe. Por questões complexas que vivi em meu casamento, antes da separação.

No entanto, esse desejo foi levado adiante a partir do momento que pude perceber que seria possível, desenvolver em texto, minha história de vida, minha formação, minha itinerância como educadora do campo. Li o estudo de Feitoza (2021) e, de pronto, senti a necessidade de narrar e escrever sobre mim mesma. Entendo, como Josso (2010), que narrar nossa história é situar no tempo outras histórias, é possibilitar, por meio da narrativa, a compreensão da realidade. Nesse texto, de natureza autobiográfica, demarco como objetivo geral “*refletir sobre a trajetória de vida dos professores da educação do campo, por meio do memorial de formação, de uma educadora do campo*”.

O exercício de refletir sobre a história de vida, conforme Nóvoa (1995), é um importante dispositivo na formação docente, quer na Educação Básica, quer no Ensino Superior. Ao passo da construção da narrativa autobiográfica, o sujeito narrador toma consciência dos fatos e acontecimentos vividos, se reconhecendo como autor social e produtor de sua história. Em termos de objetivos específicos, elenco: a) “*desenvolver uma narrativa autobiográfica, por meio do memorial de formação, de uma educadora do campo, com destaque para os principais acontecimentos pessoais e profissionais vividos ao longo de sua*

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto farei uso de diferentes pessoas e tempos verbais, quer na primeira do plural ou do singular. Esse aspecto decorre da especificidade do próprio trabalho com a autobiografia.

*trajetória de vida*”; e b) *pensar, por meio do memorial de formação, sobre o percurso de formação pessoal e profissional de uma educadora do campo na Educação Básica e no Ensino Superior*, com ênfase para a sua constituição identitária.

Em parâmetros metodológicos, o estudo fez uso da abordagem qualitativa, seguindo o que prescreve Medeiros, Varela e Nunes (2017). Se tipifica como uma pesquisa (auto) biográfica, ancorada no memorial de formação. A narrativa autobiográfica foi desenvolvida no período de quase um ano. Muitos acontecimentos foram registrados, apagados, reescritos, recortados e refletidos, até chegarmos na versão final deste texto.

O trabalho se encontra estruturado em três seções, além desta breve introdução e das considerações finais. No próximo momento, ergo um diálogo de natureza teórica, mais precisamente sobre conceitos importantes que envolvem o presente estudo monográfico, quais sejam: Educação do Campo, Formação, Experiência e Memorial de Formação. Esses conceitos demarcam o “lugar” de fala, em termos teóricos, da autora deste empreendimento acadêmico. Além disso, pontifico a dimensão metodológica do memorial de formação como um dispositivo que permite produzir pesquisa no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, mormente na pesquisa em Educação.

Na sequência, textualizo parte de minha história de vida pessoal e profissional. Ao longo da seção, friso os principais acontecimentos vividos. Eles se misturam, haja vista que, conforme Nóvoa (1995), não separemos a pessoa do professor e o professor da pessoa. Nesse lastro, há momentos em que demarco recortes de minha vida pessoal, a vida em família com meus pais e irmãos, e há momentos em que sobrelevo minha escolarização básica, os principais fatos que a memória percebe como importante registrar. Na referida seção, podemos nos situar sobre mudanças que o tempo apresenta, quer na organização da escola, na prática do professor ou mesmo na cultura escolar. Similarmente, vejo transformações a nível social. Os valores familiares, a importância que a educação escolar ocupou ao longo do tempo, além da valorização e respeito que a família dá ao professor e o modo de vida dos sujeitos do campo, entre outros aspectos.

A seção seguinte, se foca para minha vivência no contexto universitário na LEDOC/UFERSA. No primeiro momento, escrevo sobre o processo de seleção para ingresso no curso, os desafios vividos até ingressar na licenciatura. Em outro instante, me debruço para o percurso formativo. Apesar de sucinta, a referida seção elenca os principais marcos de minha formação no Ensino Superior. Por fim, há as considerações finais. Nelas, ergo reflexões acerca dos aspectos medulares de minha vida, com foco nas transformações vividas com o tempo.

A partir deste registro de natureza autobiográfica, desejo que os leitores apreendam sobre as dimensões da formação docente. Os professores se formam ao longo de suas vidas. O trabalho com o memorial de formação exemplifica a construção do tornar-se professor, suas fases, mudanças e itinerâncias. Espero que, de algum modo, este escrito se faça em cada um que o lê como um dispositivo formativo.

## **2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DE EDUCADORES E EDUCADORAS**

Esta seção, de natureza teórica, apresenta os principais conceitos que embalam o presente trabalho de conclusão de curso. Ela se encontra organizada a partir de três conceitos centrais. O primeiro diz respeito ao conceito de Educação do Campo, modalidade educativa em que se circunscreve a presente pesquisa. Na sequência, arrolaremos os conceitos de experiência e formação docente, os quais são medulares no desenvolvimento do trabalho. Por último, situamos o conceito de memorial de formação, uma vez que, na dimensão metodológica, o estudo se funde no mesmo.

### **2.1 Educação do Campo – um conceito em construção**

Para os sujeitos que vivem no campo, historicamente, houve o desafio de desenvolver uma educação que fosse condizente a sua realidade social, cultural, espacial, econômica, entre outros (ARROYO, 1999). Pensar em uma educação para os sujeitos do campo foi durante muito tempo uma utopia, algo idealizado, mas pouco possível de ser concretizado (CALDART, 2012).

No entanto, movimentos sociais organizados, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), e os próprios sujeitos do campo se articularam e desde o ano de 1997, a partir do I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (I ENERA), conseguiram, gradativamente, o feito de promover uma educação que estivesse alinhada aos anseios das populações camponesas. A referida educação é o que concebemos no momento como a Educação do Campo. Para Caldart (2012, p. 259),

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

Segundo Caldart (2012), o conceito de Educação do Campo se encontra em construção, primeiramente porque quando falamos dessa modalidade educativa, precisamos situar que ela está condicionada ao espaço a que se refere, ou seja, ao campo. Desse modo, o campo no contexto brasileiro é amplo, envolvendo as populações ribeirinhas, quilombolas, indígenas, as populações do sertão, do semiárido, das comunidades praieiras, entre outras.

Assim, o conceito de Educação do Campo não é algo fechado, mas em permanente construção.

A respeito dessa discussão, Munarim (2008), defende que a Educação do Campo pode ser entendida a partir de dois conceitos centrais. O primeiro deles conceitua a Educação do Campo como movimento educacional no país construído no bojo das lutas sociais de classe, com ênfase na classe trabalhadora. Esse movimento educacional toma como referência a Educação Popular que se destacou, principalmente, nos anos de 1960, com arrimo no pensamento do educador pernambucano Paulo Freire. Além disso, sendo um movimento educacional, é protagonizada pelos diferentes povos que constituem o campo no Brasil.

O segundo conceito de Educação do Campo defendido por Munarim (2008), a situa como sendo uma modalidade educativa no país com características próprias, tal como a Educação Especial, a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Profissional, entre outras. Sendo uma modalidade educativa, nasceu como contraposição à Educação Rural. A Educação do Campo é uma educação que tem como princípio básico a valorização da cultura camponesa, do campo em sua pluralidade, do contexto local, entre outros, na construção do currículo escolar (MEDEIROS, 2019). Seu marco legal de referência, além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, condiz com as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo publicadas em 2002 (BRASIL, 1996; BRASIL, 2002).

Em linhas gerais, a Educação do Campo não possui um modelo específico em sua constituição. Ela não se faz com um receituário. A Educação do Campo, conforme Medeiros (2019), se materializa a partir de princípios pedagógicos e políticos, os quais têm como início, meio e fim a diversidade dos povos do campo.

## **2.2 A experiência como fundamento na formação de educadores e educadoras do campo**

Para Bondiá (2002), a experiência não é somente o que nos passa. Ela é, sobretudo, o que nos toca, aquilo que nos passa e, de alguma forma, afeta nossa condição humana de ser. A experiência permite a construção de diferentes saberes, a exemplos dos saberes experienciais, alicerces para nossas ações de vida. Muito do que fazemos e do que nos tornamos tem a experiência como ponto de referência.

No contexto da formação docente, segundo Tardif (2011), a experiência é um fundamento, haja vista que permite aos professores em formação a pensarem sobre os constructos de suas vidas, sobre quem eles se tornaram.

Para Nóvoa (1995), os modelos de formação docente no mundo alinhados à racionalidade técnica e instrumental têm desenvolvido processos formativos que pouco formam os professores para lidarem com a realidade complexa educacional. O autor destaca que isso acontece porque secundarizamos o potencial que a experiência pode adquirir nos percursos formativos. Refletir sobre a experiência, segundo o autor, é agregar sentidos a respeito do que promovemos como ser social. Isso implica na tomada de consciência sobre nós mesmos. Nesse sentido, precisamos compreender que a formação,

É um processo [também] interior; ela liga-se à experiência pessoal do sujeito que se permite transformar pelo conhecimento. Assim, podemos afirmar que, potencialmente, todos os espaços e tempos da vida são espaços e tempos de formação, de transformação humana (BRAGANÇA, 2011, p. 158).

No Brasil, conforme Medeiros, Dias e Olinda (2020), o modelo de formação docente apoiado na racionalidade técnica e instrumental se fez hegemônico na história da formação de professores, quer nos cursos de licenciatura (formação inicial), quer nos diferentes espaços de formação continuada. Em contrapartida, existiram ações diversas na educação brasileira que buscaram promover outros sentidos na formação dos professores. Um exemplo disso, são os cursos de Licenciatura em Educação do Campo. Essa modalidade de curso tem desenvolvido diferentes experiências no país na intenção de formar os educadores e educadoras do campo tendo como berço da formação o conjunto de experiências individuais e coletivas dos sujeitos do campo (MEDEIROS; AMORIM; CARVALHO, 2020).

Um dos seus fundamentos, conforme Molina (2017), é creditar nos processos formativos justamente os diferentes saberes que os sujeitos do campo congregam. A experiência, nesse interim, ganha centralidade, uma vez que possibilita que os processos formativos se alinhem à história de cada sujeito, de cada comunidade e de cada população camponesa. A experiência, no contexto das Licenciaturas em Educação do Campo, se apresenta como um fundamento basilar para que os licenciandos conheçam suas realidades e construam a consciência individual e coletiva acerca de sua condição social, seja na dimensão política, seja na dimensão educacional.

### **2.3 O memorial de formação como dispositivo metodológico**

No âmbito da pesquisa em Ciências Humanas, o ato de narrar sobre si tem se tornado cada vez mais presente. Essa prática tem possibilitado o desenvolvimento de diferentes

investigações. Esta pesquisa fez uso da narrativa de modo especial, por meio do memorial de formação. Nas palavras de Buoco e Castro (2013, p. 435),

O memorial é um texto em que o indivíduo relata acontecimentos que são ou foram importantes no âmbito de sua existência, revelando-se, pois, como documento de natureza autobiográfica, onde o narrador retoma sua trajetória de vida, a partir de objetivos previamente definidos.

Nesse interim, o memorial de formação se presencia na pesquisa em Ciências Humanas, a exemplo deste estudo situado na pesquisa em Educação, como um dispositivo metodológico, por meio do qual é possível se construir uma investigação. Neste trabalho, abordamos minha história de vida na intenção de conhecer e evocar momentos formativos os quais permitiram a pesquisadora tornar-se educadora do campo. Buoco e Castro (2013, p. 436), complementam:

Fazer um memorial é, então, um exercício sistemático de escrever a própria história, rever a própria trajetória e aprofundar a reflexão a respeito de sua vida. Esse é um exercício de autoconhecimento porque, para forma-se, primeiramente é necessário entrar em contato consigo, reconhecer sua subjetividade, enquanto sujeito.

Nas próximas seções que compõem o texto monográfico registramos itinerários de vida pessoal e profissional da pesquisadora. Entendemos que esse exercício individual realizado pela autora do texto, de alguma forma, contribui para pensarmos os processos formativos de professores/educadores do campo. Conforme sinaliza Halbwachs (1990), nenhuma memória é por si mesma individual. Ela faz parte de um constructo coletivo. Desse modo, nossas memórias são sempre coletivas, haja vista que foram desenvolvidas na trama social, mesmo que por um sujeito. Os percursos de vida da pesquisadora são também percursos construídos, de maneira similar, por muitos educadores do campo.

Nas próximas seções detalharemos caminhos de sua vida utilizando do memorial de formação em forma de texto (autobiografia) e de recursos imagéticos, os quais foram guardados nos baús de suas lembranças e história de vida.

### **3 ITINERÂNCIAS DE UMA EDUCADORA EM FORMAÇÃO – NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA SOBRE A VIDA PESSOAL E A ESCOLARIZAÇÃO BÁSICA**

Esta seção tematiza registros recortados de minha memória sobre quem sou. Desse modo, agrega parte de minha autobiografia, mais especificamente momentos de minha vida pessoal e itinerâncias de minha escolarização básica<sup>2</sup>.

#### **3.1 Fios de uma narrativa autobiográfica – como tudo começou**

No dia 24 de agosto de 1973, na residência da minha mãe, no sítio Baixa do Algodão, Município de Governador Dix-Sept Rosado, Rio Grande do Norte, minha mãe deu à luz pela primeira vez aos 23 anos. Desde então, moramos nesse sítio até a sua segunda gravidez. Naquela época, os partos de mulheres grávidas eram feitos em casa com a ajuda de uma parteira. Não consigo lembrar bem desse período (meu nascimento) até os cinco anos de vida. O que ouço falar daquela época, isto é, o que tomo de empréstimo da memória dos outros (POLLAK, 1989), são pequenas lembranças. Na imagem que segue, há o registro de meus primeiros anos de vida.

Figura 1 – Meus primeiros anos de vida



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

---

<sup>2</sup> A partir deste instante do texto, escreverei na primeira pessoa do singular, por considerar que este registro demarca minha singularidade humana, pessoal e profissional.

Apenas a partir dos sete anos de vida é que consigo me recordar, pois nesse período inicia-se minha vida escolar. Lembro-me muito bem da minha professora, a qual era muito amiga de minha mãe. Juntas terminaram o Logos II que, naquela época, era um meio de formação docente que permitia o recebimento de certificado para ser professor.

Nessa época, início de minha escolarização, eu já estava morando na Fazenda Marcolino no mesmo município em que nasci. A diferença era que a maior parte das pessoas tinha suas terras e davam-se a elas o seu próprio.

A primeira escola que eu fui estudar ficava perto da minha casa. Era possível ir caminhando, ficava a sete minutos da minha residência. Esse era o percurso que eu levava para chegar até a escola. A escola tinha o nome de Escola Municipal José Marcolino, funcionava em dois turnos, matutino e vespertino. Recordo-me que no turno matutino funcionavam as 1ª e 2ª séries (2º e 3º anos do Ensino Fundamental), no turno vespertino funcionavam as 3ª e 4ª séries (4º e 5º anos do Ensino Fundamental). O nome da escola era de uma pessoa que foi um dos primeiros habitantes da comunidade. O nome da minha primeira professora era Dacira Alves Marcolino (*in memoriam*).

A professora Dacira era, para mim, uma excelente professora. Ela era muito carinhosa com toda a turma, lembro que todos gostavam muito dela. A Professora Dacira era como uma irmã para a minha mãe, eu já a tinha como se fosse da minha família. Estudar com ela foi muito gratificante para meus primeiros anos escolares. Diferentemente do que ouvia de colegas em outras escolas sobre outros professores, a prática pedagógica da Professora Dacira era motivante, me deixava o desejo de sempre estar na escola. A seguir, a partir de um registro imagético, apresento a Professora Dacira.

Figura 2 – Minha primeira professora (Professora Dacira)



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Lembro que a escola era pequena, tinha só uma sala de aula, um banheiro masculino e um feminino, uma cozinha e uma despensa (para guardar produtos gerais), e uma área coberta que ficava no meio da escola. Em um lado da escola era a sala de aula e no outro lado eram os banheiros e demais cômodos já citados. Lembro também da merendeira, uma senhora muito bondosa, mas às vezes ficava braba com os barulhos dos alunos. Lembro ainda que havia um poço vizinho à escola, um cata-vento. Só existia uma cerca de arame que o separava da escola. Ele era uma diversão para nós, em momentos. Quando o vento soprava era uma alegria porque o cata-vento não parava de girar, quanto mais o cata-vento girava, mais água ele puxava através do vento.

Reconstruindo minha memória, vejo, nesse instante, que o meu maior incentivo para estudar eram os meus pais. Lembro de suas palavras e esforço, buscando sempre o melhor para os seus filhos. Saliento que minha mãe (*in memoriam*), Dalete Evangelista de Lisboa, também era professora, ensinava as 1ª e 2ª séries na Escola Municipal Francisco Ponto, na comunidade Rural Três Marias, no mesmo município (Governador Dix-Sept Rosado). Em virtude de minha mãe ser professora, vejo que isso me ajudou bastante. Com frequência, eu estava envolvida com livros e cadernos. No próximo registro imagético, ilustro os meus pais.

Figura 3 – Meus pais



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

O ano de 1984, foi o último ano em que estudei na Escola Municipal José Marcolino, na Fazenda Marcolino, localidade em que eu morava. Lembro que foi um ano muito intenso para mim e para minha família, era o ano em que eu concluía meus estudos na minha comunidade (4ª série do Ensino Fundamental – 5º ano, no momento). Nesse período, quem concluísse esse nível de escolarização era considerado uma pessoa muito inteligente, sendo o orgulho da família e da própria escola. Eu fui o orgulho da minha família e da minha comunidade.

Em continuidade a minha história escolar, no ano de 1985, vivi um ano de mudança. Em me desloquei para outra comunidade para dar continuação aos meus estudos. Nesse novo contexto, era outra escola, outra organização do trabalho pedagógico, outros professores. A partir de então, não era somente uma professora. Para cada disciplina do currículo escolar existia um docente. Além disso, incluíram-se professores homens. Para mim, esse aspecto foi impactante, haja vista nos quatro anos anteriores era somente uma professora. Ressalto que além da inclusão de novas disciplinas escolares, me chamou atenção a disciplina de inglês. Pontifico que a Professora Dacira, na 4ª série, já nos alertava sobre essa mudança em nossa vida escolar. Para nós, à época, seguir para outro nível de escolarização era um grande avanço, pois muitos familiares não conseguiram.

A escola em que continuei minha escolarização básica condiz com a Escola Municipal Ricardo Vieira do Couto, comunidade do Jucuri, zona rural de Mossoró. Nessa mesma escola minha mãe, no ano de 1984, havia concluído o curso Logos II, o qual foi citado anteriormente. Ela construiu muitas amizades nesse período, amizades que ficaram com o tempo mais fortalecidas em nossas vidas.

Uma dessas amizades, se refere a Professora Ilma Fernandes, *in memoriam*, que também trabalhava na Escola Municipal Ricardo Vieira do Couto, no turno matutino. Essa professora pediu a minha mãe para eu ficar na sua residência para estudar e não me descolar diariamente para casa, seguindo apenas nos fins de semana. O meu deslocamento para a nova escola se daria de bicicleta com os outros alunos que tinham concluído comigo. Minha mãe pensou junto com meu pai e chegaram à conclusão de que seria melhor morar na casa da Professora Ilma Fernandes. Para mim, foi muito difícil. Naquele momento, eu tinha somente 14 anos. Viveria em uma casa com outras pessoas que eu nunca tinha visto, deixaria a casa da minha mãe. Não obstante, um dos aspectos que pesou foi deixar meus irmãos que tinham idade próxima a mim.

Essa fase foi prenhe de desafios e de inúmeras aprendizagens, haja vista que eu não só mudaria de escola, mas mudaria toda minha rotina. Até hoje lembro muito bem daquele dia - o dia muito especial em que eu estudaria em uma na escola nova, mas também um dia muito difícil em que eu conviveria com outra família em outro espaço.

Minha mãe me deixou na outra residência no 1º dia de aula no ano de 1985. Eu pretendia estudar no turno vespertino, mas cheguei na comunidade pela manhã, fiquei muito encantada com tantas casas, com as bodegas (mercadinhos) e os bares. Era tudo diferente do espaço em que eu vivia. Fui muito bem acolhida na minha nova casa. No novo espaço moravam a Professora Ilma Fernandes, o seu esposo, dois filhos e sua irmã, uma irmã do seu marido que trabalhava na escola em que eu estudaria (era a secretária da escola), e também uma professora da escola que residia no perímetro urbano do Município de Mossoró e ficava até a sexta-feira. Nessa casa, existiam pessoas que, assim como eu, passavam a semana e no sábado ou sexta-feira seguiam para suas residências, retornando na segunda. Morei dois anos com essa família.

No primeiro dia de aula ao ver a escola já tive um impacto, pois a mesma era totalmente diferente da que eu havia passado quatro anos estudando. A escola era grande, tinha várias salas, dentre elas: quatro salas de aula, a sala da secretaria, a sala dos professores, a sala da direção escolar, os banheiros, um banheiro de uso exclusivo para os funcionários, sala para guardar materiais, um pátio coberto, corredores, uma quadra esportiva e uma

cisterna. Além disso, havia muita gente diferente, incluindo os professores. Nessa nova escola só havia uma coisa igual a minha outra escola que era todos de farda e todas as segundas-feiras hasteava a bandeira do Brasil e todos cantavam em alto e bom som o Hino Nacional.

Depois, fomos para a sala de aula e o professor chegou, ele se apresentou e ministrou sua aula, além de ter registrado também seu horário de sala de aula. Pela tarde vivemos todo esse processo na sala de aula. Nessa tarde, aprendi que tinha horário de aula que seria cinco aulas e todas seriam com professores diferentes, tínhamos várias disciplinas, não seria somente quatro disciplinas ou uma por dia.

No decorrer da semana, fui fazendo amizade e o tempo devagarinho passava, a saudade de casa só aumentava, chegou a sexta-feira tão esperada para ir para casa. Às 16h30min da tarde passava o ônibus da viação Santa Rita, que saía de Mossoró ao Município de Rodolfo Fernandes, lembro muito bem do motorista que se chamava Gilberto. Ele parava na parada principal que era em frente à escola na Comunidade do Jucuri, sendo até hoje a parada principal da nossa comunidade.

Eu me lembrava com muito cuidado porque naquele momento ele era o meu responsável, ao chegar na Fazenda Marcolino meu pai já estava esperando o ônibus parar. Ali, ao vê-los, era muita alegria, o final de semana se fazia com muitas brincadeiras com meus irmãos e amigos, era só alegria. A segunda-feira chegou, fiquei triste porque eu tinha que retornar para a comunidade do Jucuri, ficando sem minha família novamente. Segunda-feira, às 8h da manhã estava eu e o meu pai na rodovia esperando o ônibus do senhor Gilberto para fazer o trajeto de volta para a comunidade do Jucuri. Desse modo, os dias foram se passando e eu fui me adaptando ao espaço, à escola e às pessoas.

Ir para a escola era muito bom. A escola desenvolvia um trabalho para a comunidade e adjacência, sendo a única que tinha o Ensino Fundamental, anos iniciais e anos finais. Ela acolhia a todos. Os professores estavam sempre ao nosso lado, todos muito compreensivos, todos os funcionários, o calendário escolar era cheio de comemorações, os professores comemoravam todas as datas comemorativas do calendário, ou seja, do ano letivo, uma das festas mais bonitas que existia na minha escola era a Festa de São João no mês de junho e a festa da pátria em 30 de setembro que era o desfile cívico nas ruas da nossa comunidade. Vejamos o registro que segue:

Figura 4 – Festa da Rainha do Milho no mês junino



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

No mês de junho a escola ficava toda enfeitada com bandeirinhas e balões e no dia de São João existia uma grande festa que ganhou o nome de “São João do Ricardão”. Na festa, existiam comidas típicas, quadrilhas juninas e em cada sala de aula existia a rainha do milho, que na época arrecadava dinheiro. Para isso, eram realizados bingos, existiam barracas com a venda de comidas típicas da região, até a família da rainha entrava na diversão porque ninguém queria que sua filha, ou seja, a rainha perdesse. Eram duas rainhas, com o dinheiro arrecadado custeava-se a despesa da rainha (o vestido) e o restante servia para a festa do dia do estudante para toda a escola. A festa junina movia todas as famílias da escola e todos da comunidade que a Escola Municipal Ricardo Vieira do Couto acolhia. Outra vez, recorro a um recurso imagético para elucidar esse momento na escola.

Figura 5 – Festa da quadrilha junina na escola



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Além do mês junino, conforme registrei, havia também o dia 30 de setembro que era um dia muito esperado por toda a comunidade. A escola fazia o desfile em comemoração do dia da independência do Brasil, nacionalmente no dia 07 de setembro. Na época, tinha uma disciplina intitulada “Moral e Cívica” que ensinava as datas comemorativas e também sobre as autoridades. Na referida disciplina desenvolvia-se o trabalho de enfeitar a escola com cartazes e com bandeiras do Brasil por todo o espaço. A bandeira do Brasil era hasteada na entrada da nossa escola, sendo uma alegria esse momento.

A escola fazia reunião com os pais para poder organizar o desfile, os pais recebiam a tarefa das compras das roupas que seus filhos desfilariam, roupas que representavam as cores da bandeira do Brasil, as bandeiras dos Estados e do Município a que a escola pertencia (Mossoró), eram uma alegria os ensaios da banda. Ela era formada por alunos da escola, os ensaios da banda eram em frente à escola, de repente se formava uma plateia, era muito bom. O dia do desfile era grande festa para nós estudantes, para os pais e para escola que cuidava, zelosamente, dos detalhes do evento.

Meu primeiro desfile foi com a bandeira do município, foi uma grande emoção sair pelas ruas da comunidade do Jucuri com aquela bandeira e vestida de acordo com suas cores. A plateia acompanhava cada passo que todos davam, no desfile existiam várias apresentações, não só as bandeiras, mas a turma da ginástica, a rainha do milho, a princesa

Isabel. Existia também o time da escola, todos com o uniforme de jogador, uma turma vestida de indígenas, as roupas eram feitas de pena de galinha, existiam várias alas de apresentação. A meu ver, a ala mais bonita era de todos os funcionários da escola que tinha o pelotão de um funcionário e todos os outros professores juntos com a mesma vestimenta.

Figura 6 – Desfile cívico na escola



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Ancorando-me nesse momento da história, percebo o quanto eram importantes essas atividades na instituição, por meio delas, criamos laços de amizade, companheirismo, solidariedade, empatia, respeito ao outro, entre outras questões que o currículo escolar em sala de aula não contempla. Novamente, apresento outro registro deste memorável evento na instituição. Recordar essas memórias é reviver o tempo passado, entendendo que os valores que possuo como pessoa e profissional da Educação em formação estão ancorados nessas experiências.

Figura 7 – Ala da ginástica no desfile cívico



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Continuando meus registros memorísticos, teço linhas sobre minha escolarização no Ensino Médio. Ingressar no Ensino Médio, era uma sensação única, me sentia orgulhosa. Eu estava conseguindo “evoluir”, construindo conhecimentos e oportunidades. Para mim, o Ensino Médio foi o que Josso (2010) nomina de “momento-charneira”, momento que nos permite repensar densamente sobre nossa existencialidade. Registrarei minhas memórias acerca desse período de escolarização básica na subseção seguinte.

### **3.2 Tudo novo! Lembranças de um novo tempo (escola, casamento e trabalho)**

Tudo novo, dessa vez estava indo estudar na escola Estadual Jerônimo Rosado na cidade de Mossoró – RN, iniciei meu Ensino Médio. A escola que eu estudaria ficava na cidade de Mossoró a 18 km da comunidade do Jucuri. O horário de minhas aulas era o horário noturno, das 19h às 22h30min, nós nos deslocávamos às 18h20min para ir à escola, o transporte era conhecido como “pau de arara” gerido pela Prefeitura Municipal de Mossoró, o “pau de arara” era organizado, tinha cobertura e bancos.

O primeiro dia de aula foi muito difícil, mas eu já fui fazendo novas amizades. Era uma escola muito grande, ela agregava alunos de toda a região, os professores eram totalmente diferentes dos que eu tinha vivido nos quatro anos anteriores (No Ensino Fundamental, anos finais), as disciplinas escolares eram difíceis e o ano letivo foi se passando. Eu desisti! Era o ano de 1989.

No início do ano letivo de 1990, voltei a estudar, repeti o 1º ano do 2º grau (Ensino Médio), meu histórico estava com notas vermelhas, mas eu pensava em recuperar e seguir. O colégio (escola) já não era mais novo para mim, eu já conhecia tudo. No mesmo ano, me casei. O casamento foi celebrado no dia 10 de maio de 1990. Ele não me limitou de estudar, continuei estudando.

Figura 8 – Casamento



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

No dia 01 de junho de 1990, consegui o meu primeiro emprego pela Prefeitura Municipal de Mossoró, com a função de monitora. Fui trabalhar na Escola Municipal Ricardo Vieira do Couto – escola em que eu havia passado quatro anos estudando. Retornei como monitora na creche (Educação Infantil). No mesmo ano, a creche saiu da escola e foi funcionar em uma casa. Em relação a minha escolarização, continuei estudando, mesmo cansada e trabalhando. O casamento durou um ano e oito meses. Eu desisti de estudar, fiquei somente trabalhando.

Figura 9 – Monitoria na Creche Escolar



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Na creche, vivi lindos momentos com os alunos. Percebi questões de natureza social que interferem, diretamente, na escolarização das crianças. O apoio ou a ausência familiar, as questões econômicas, a infraestrutura do espaço escolar, a formação dos professores, entre outras, foram aspectos que vivi de perto nos anos de atuação na creche. Outra vez, exemplifico esse momento com um registro da colação de grau das crianças que frequentavam o espaço.

Figura 10: Colação de Grau dos estudantes da Creche



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

No ano de 1992, motivada pelo trabalho de monitora na creche, voltei a estudar. Iniciei meus estudos em outra escola, qual seja: a Escola Educandário Presidente Kennedy na cidade de Mossoró, fui cursar o 1º ano de Magistério. Estudei até o mês de novembro. No mês de outubro do mesmo ano, conheci o meu segundo esposo, o pai dos meus três filhos, são eles: Allan Lisboa, Alana Lisboa e Sara Lisboa.

Final do ano de 1992, mais uma vez, desisti de estudar e não concluí o 2º grau. Continuei trabalhando na creche como monitora na sala de alfabetização que era o último ano que a criança estudava no espaço. O seu próximo ano de escolarização seria a 1ª série, era muita responsabilidade ser professora da turma porque eu era docente dos alunos que deveriam concluir conhecendo o alfabeto, as vogais e consoantes, redigindo seu nome completo. Além disso, existia no final do ano letivo a colação de grau, havia a festinha tão esperada por todos. Minha responsabilidade só aumentava, porém, era prazeroso para mim. Ser professora e organizar aquele evento era muita satisfação.

No ano de 1994, tive meu primeiro filho, uma felicidade ao ser mãe, continuava a trabalhar e ser dona de casa. No entanto, o meu casamento era muito complexo. Visitando essas memórias, não gosto de rememorar tão momento. Sofri muito durante todo o casamento, são memórias que não quero registrar, porque, conforme Pollak (1989), me trazem dor. Quero esquecê-las.

No ano de 1997, houve uma mudança na Prefeitura Municipal de Mossoró, a prefeita Rosalba Ciarlini, nomeou a senhora Nina Rebouças (*in memoriam*) como secretária municipal de educação. Na titularidade da gerência executiva da educação municipal, a secretária Nina Rebouças começou a visitar as escolas da rede municipal. Ao visitar a Escola Municipal Ricardo Vieira do Couto, começou a realizar mudanças, uma das primeiras mudanças foi trazer a creche para dentro da escola, a mesma funcionava na minha casa.

A creche era formada por duas merendeiras, quatro monitoras e a coordenadora. As monitoras eram uma professora do Maternal I, uma docente do Maternal II, Maternal III e alfabetização. Com essa mudança, a creche começou a funcionar dentro da escola e só podia ficar na sala de aula as monitoras que tivessem o 2º grau concluído (Ensino Médio) e deveriam continuar a estudar porque só o 2º grau não era suficiente para ser professor.

Nesse contexto, eu e uma colega de trabalho não tínhamos o 2º grau completo, então fomos encaminhadas para a cozinha, fomos ser merendeira. Nesse momento, lembrei dos conselhos da minha mãe, que sempre me dizia para não perder as oportunidades que a vida oferece, que estudar me daria uma perspectiva de vida melhor. Para mim, a mudança no trabalho foi muito difícil, ver meus alunos com outra professora e eu exercendo outra função.

Os anos foram se passando, chegou o ano de 1999, tive meu segundo filho, ou seja, minha filha Alana. Eu continuava trabalhando e a minha vivência com o meu esposo estava cada dia pior. Do meu trabalho vinha o sustento dos meus filhos. No ano de 2005, nasceu minha terceira filha (Sara), a situação da minha vivência com meu marido só piorava, mas eu tinha um amor tão forte por ele que todas as vezes que ele me maltratava fisicamente e mentalmente, eu o perdoava.

Os anos foram se passando e a vontade de estudar brotou em mim, vários amigos estavam estudando para terminar o 2º grau, todos tinham um objetivo (melhorar sua condição de trabalho), terem mais chances de conseguir um emprego, porque a maioria das atividades exigia o 2º grau completo. Frente a isso, eu me empenhei a voltar a estudar, conversei com o meu marido e ele me deu muita força para terminar, pois ele sabia do desejo que eu tinha de concluir meus estudos.

No ano de 2012, no mês de junho, eu concluí o 2º grau, na Escola Estadual Jeronimo Rosado, cidade de Mossoró – RN, na Educação de Jovens e Adultos (EJA), na mesma escola que frequentei entre os anos de 1989 e 1990. Naquele período eu tinha 15 e 16 anos. No ano de 2012, me encontrava com 39 anos, terminando o Ensino Médio. Exemplifico o momento com um registro imagético.

Figura 11: Conclusão do Ensino Médio



Fonte: Arquivo pessoa, 2023.

A vontade de estudar só aumentou ao longo dos anos. Eu tinha um sonho de voltar para a sala de aula, de ser professora. Trabalhando na escola como merendeira, ao lado de estudantes e professores, essa vontade só crescia ainda mais. Vi como possibilidade de cursar o Ensino Superior e me licenciar, quando abriu o processo seletivo para o Curso de

Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (LEDOC/UFERSA). Percebi que um sonho que sempre existiu em mim tornou-se possível. Na seção seguinte, me debruçarei para registrar memórias de minha formação docente na LEDOC/UFERSA.

## 4 O PERCURSO NA UNIVERSIDADE: TORNAR-ME PROFESSORA

Esta seção, mesmo que sucinta, registra a minha trajetória acadêmica no Ensino Superior, na Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da UFERSA. São registros de momentos marcantes que contribuíram para minha construção identitária como educadora do campo.

### 4.1 Ingressar na UFERSA – um sonho...

Depois que terminei o 2º grau, meu sonho de seguir mais adiante continuou, mesmo com meus filhos e com um casamento conturbado, resolvi fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), não fiz uma boa prova por causa do nervosismo e o preconceito por já ter uma idade mais avançada. Quando eu cheguei no colégio para fazer a prova, vi muitas pessoas com a idade mais avançada do que a minha, isso serviu de incentivo para ir mais além. Não obtive êxito no exame, mas logo vi colegas que fizeram o processo seletivo do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo da UFERSA, no ano de 2013. Ele me chamou muita atenção, quando vi alguns deles na minha escola fazendo trabalhos acadêmicos, falei para mim mesma que também faria o curso.

No ano seguinte, em 2014, saiu um novo edital para o curso já citado. Naquele momento, eu e outra merendeira nos interessamos, conversamos com os amigos e formamos um número significativo de pessoas para fazer a inscrição, fomos atrás de uma pessoa muito inteligente da nossa comunidade que já era formado para nos dar aulas de reforço. Ele cobrou 10,00 reais de cada pessoa para ministrar aulas três vezes por semana, das 7h às 8h. O interessante é que nessa época meu esposo me deu um grande apoio. Eu me senti muito confiante para fazer aquela prova.

Chegou o grande dia! O dia do meu sonho. No local da prova havia muita gente. Quando cheguei na UFERSA, no *Campus* Oeste, Mossoró – RN, entrei na sala e quando me sentei as lágrimas desceram de tanta felicidade e da certeza que eu ser aprovada e conseguir realizar o sonho da minha mãe de ter filhos formados. A prova terminou, eu saí da sala com uma certeza que eu seria aprovada. A alegria saltou de minha boca e eu falei para minha colega de trabalho: “uma cadeira dessa será minha”. Ela disse: “acho lindo essa sua certeza”.

Chegou o dia do resultado. Me recordo que eu estava trabalhando na escola, não havia como olhar o resultado. Pensei: “quando chegar em casa, eu olho”. Depois da merenda, eu estava rodeada de pratos e panelas, nem lembrava do resultado. Em seguida, chega o

secretário da escola na cozinha com o papel na mão que ele havia imprimido. Ele disse: “irmã, você já viu o resultado?” Eu respondi que não, ele me olhou e disse: “você passou”. Eu gritei de tanta felicidade. O grito foi tão forte que chamou a atenção de todos na escola. Muitos correram para saber o que tinha acontecido. Eu dizia em voz alta: “eu passei, eu passei no vestibular da UFERSA”.

A alegria contagiava, em minha casa fizemos uma festa com a família, meu pai, meus filhos e o marido. Não somente eu passei, muitas pessoas da comunidade que fizeram a prova passaram. A minha amiga merendeira também passou, inclusive minha irmã. Ali, eu fiz um movimento com todos para conseguirmos um transporte para nos deslocar da comunidade do Jucuri até a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), logo conseguimos um carro e o motorista cobrou uma quantia que agradou a todos nós. Deu tudo certo. Um sonho iniciou, sua realização chegou...

#### **4.2 A formação docente – a experiência na LEDOC/UFERSA**

Minha chegada na universidade pública foi uma mistura de felicidade, medos e desafios. Tudo era muito novo: as leituras, os professores, o trajeto para a UFERSA, os colegas de turma, entre outros aspectos. Tive que me adaptar, gradativamente, a nova rotina. Eu saíria às 5h50min da minha residência e voltaria para casa às 18h, porque eu chegaria da universidade na minha comunidade às 12h, mas eu ficaria na escola para trabalhar.

Mesmo trabalhando, a vontade de estudar era muito grande, eu tinha o apoio da minha família, o que ajudava e me incentivava a continuar nesse percurso. Eu servi de exemplo para outras pessoas, isso era muito gratificante para mim. Os professores desde o início foram muito acolhedores, porém, tudo era novo. No decorrer da semana inicial houve aula da Professora Jamira Lopes. Ela entrou na sala de aula e deu início a chamada. Quando ela chamou o meu nome, eu estava muito atenta, respondi: “presente”. Ela olhou para a sala e disse: “por favor, fique de pé”. Eu tremia muito, mas fiquei em pé. Ela falou: “eu estava ansiosa para te conhecer”. Ainda disse: “seu nome é lindo”, e repetiu: “Maria Auxiliadora de Lisboa Oliveira”.

Naquele momento, as lágrimas desciam, eu me sentia amada e muito feliz com aquele carinho. O carinho dos professores não parou. A professora Kyara Almeida também me surpreendeu com um comentário e um apelido que todos os colegas e amigos de faculdade também adotaram: Dora Linda. Ela disse que o nome de sua mãe (*in memoriam*) era também Auxiliadora. Esse foi, para mim, um carinho muito grande por parte dos professores e amigos

que seria um registro de vivência marcante. Novamente, recorro a um dispositivo imagético que situa o período inicial de formação na LEDOC/UFERSA.

Figura 12: Formação inicial na LEDOC/UFERSA



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Revisitar essas memórias marcantes de minha formação inicial e profissional é, sem dúvidas, demarcar que a formação docente está muito além dos conteúdos curriculares ministrados em sala de aula (NÓVOA, 1995). Para Nóvoa (1995), não há como separar o professor da pessoa e a pessoa do professor, somos um só. O que fazemos na profissão ou o que nos tornamos tem muito a ver com o que vivemos ao longo da vida, especialmente fora da sala de aula (NÓVOA, 1995; BONDÍA, 2002).

Vivi momentos nos corredores, com os colegas de turma, momentos no transporte no período de ida e retorno da universidade, conversas com professores, entre outros, que somaram muito em minha vida. É imensurável a soma desses diálogos para o meu crescimento pessoal e profissional. Vale dizer que isso, não secundarizou a importância dos conteúdos curriculares em sala de aula. Todos esses cenários me formaram. Outra vez, registro um momento marcante de minha vida estudantil no Ensino Superior. Refere-se às inesquecíveis aulas de campo.

Figura 13: Aulas de campo na LEDOC/UFERSA



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Entendo que a formação dos educadores da educação do campo deve permitir que o licenciando se autoconheça, construa um espírito solidário e humanista, que ajude ainda a ele se tornar mais crítico de si mesmo (MEDEIROS, AGUIAR, 2018). Esse exercício da escrita de si, textualizado neste trabalho de conclusão de curso, em forma de memorial de formação, foi decisivo. Me reconheço como educadora, porque também me reconheço como ser humano (FREIRE, 2010).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto registrei os principais aspectos de minha vida em um trabalho de natureza autobiográfica, fazendo uso do memorial de formação. Nele, apresentei momentos de minha infância, juventude, fase adulta, entre outras. Recortes de minha vida pessoal foram registrados.

Além desses aspectos, evidenciei, refletindo ao mesmo tempo, meu trajeto de escolarização na Educação Básica, em diferentes espaços e tempos. Com esse registro, apresentei pessoas importantes para a minha constituição identitária como ser humano e educadora do campo. Professoras marcantes, eventos nas escolas, práticas escolares, entre outras se fizeram registradas neste trabalho de conclusão de curso. Sobre minha formação no Ensino Superior, também demarquei registros sobre o processo de ingresso e meu percurso na LEDOC/UFERSA. Todos esses acontecimentos, fizeram de mim que sou hoje, sabendo que minha condição como educadora do campo não é estática, me faço permanentemente. O educador se constrói ao longo da vida, por meio das experiências que vivencia, em dimensões diversas.

Registrar minha vida não foi tarefa fácil. Há memórias que me doem, as quais não tenho a intenção de trazê-las, nem tão pouco disposição para registrá-las. As vivências no meu segundo casamento são um exemplo desse aspecto. No entanto, há muitas outras memórias que registrei. Elas, coletivamente, são vividas por outras pessoas, em outros espaços. Dentre elas, destaco as memórias no campo, no contexto familiar. No sertão potiguar vivi os melhores momentos de minha vida, aspecto que outros tantos camponeses também viveram. As brincadeiras com meus irmãos, o diálogo e ensinamentos de meus pais, entre outros.

Na escola, não foi diferente. Quantas coisas mudaram na cultura escolar de outrora até então. Minha memória fez, parcialmente esse resgate. O canto do hino nacional, os desfiles de comemoração da independência, as gincanas escolares, a celebração do dia do estudante, as festas juninas e as quadrilhas. Todos esses acontecimentos corriqueiros nas escolas do Brasil, especialmente na Região Nordeste, passaram por mudanças ao longo do tempo. Este escrito teve o cuidado de registrá-los para não esquecermos.

O Ensino Superior também foi palco relevante em minha trajetória. Uma das fases de minha vida mais importante. As conversas com os colegas, o acolhimento dos professores da LEDOC/UFERSA, o estudo de conteúdos curriculares pedagógicos e específicos, entre outros aspectos são minhas referências.

Tudo isso, narrado, contado, registrado neste texto autobiográfico, produzido em forma de memorial, fica para os leitores e pesquisadores da formação de professores tomarem como referência. A história de vida é um arcabouço fértil para refletirmos sobre a constituição identitária dos docentes e também de nós, na condição de seres humanos.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, M. G; FERNANDES; B. M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. (Coleção Por uma Educação do Campo), V. 02. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, 2002.
- BRAGANÇA, I. F. de S. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. **Educação**, Porto Alegre, 34, n. 2, p. 157-164, maio-ago. 2011.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Resolução CNE/CEB no 1, de 3 de abril de 2002**. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 abr. 2002.
- BUOGO, M.; CASTRO, G. Memorial de formação: um dispositivo de aprendizagem reflexiva para o cuidado em saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.11, n.2, ago. 2013.
- CALDART, R. S. Educação do Campo. In: CALDART, R. S.; PEREIRA, I.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo - SP: Expressão Popular, 2012.
- FEITOZA, E. C. L. **Percursos de Formação**: memórias e (auto) biografia de uma educadora do campo. 43 f. Monografia (Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo). Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró – RN, 2021.
- FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 41. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Presses Universitaires de France, 1990.
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- MEDEIROS, Emerson Augusto de. **Formação Interdisciplinar de Professores**: estudo pedagógico-curricular sobre a Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. 661 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza - CE, 2019.
- MEDEIROS, E. A. de; AGUIAR, A. L. O. O Método (Auto)biográfico e de Histórias de Vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 27, p. 149-166, 21 set. 2018.
- MEDEIROS, E. A. de; AMORIM, J. L. de; CARVALHO, S. M. G. de. Licenciaturas em Educação do Campo da Região Nordeste: estudo curricular sobre a formação de professores por áreas de conhecimento. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2014769, p. 1-22, 2020. doi: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.14769.044>.

MEDEIROS, E. A. de; DIAS, A. M. I.; OLINDA, E. M. B. de O. Formação inicial de professores da educação básica no Brasil: uma leitura histórica e político-legal. **Educação em Perspectiva**, v. 11, p. e020006, jun. 2020. <https://doi.org/10.22294/eduper/ppge/ufv.v11i.8893>

MEDEIROS, E. A. de; VARELA, S. B. L.; NUNES, J. B. C. Abordagem Qualitativa: estudo na Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (2004 – 2014). **Holos**, v. 2, p. 174-189, ago. 2017.

MOLINA, M. C. Contribuições das Licenciaturas em Educação do Campo para as Políticas de Formação de Educadores. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 140, p.587-609, jul./set., 2017.

MUNARIM, A. Trajetória do Movimento Nacional de Educação do Campo no Brasil. **Educação (UFSM)**, Santa Maria, v. 33, n. 1, p. 57-72, jan./abr. 2008.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos (Memória)**, Rio de Janeiro, vol. 2, no 3, PP. 3-15, 1989.

TARDIF, M. **Saberes docentes e Formação Profissional**. Ed.11.Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.